

A Rua e o Gostar Sola de Sapato já na Faculdade: Razão e Emoção na Produção de Histórias de Vida por Alunos de Jornalismo¹

Renata CARRARO²

Faculdades Integradas Rio Branco, São Paulo, SP

Resumo

O texto ocupa-se com o processo de produção de um livro-reportagem que reúne um conjunto de perfis, elaborados por estudantes do quarto ano de Jornalismo. Os personagens são jornalistas – consagrados ou em início de carreira – que lidam com cobertura de conflitos nacionais e internacionais, urbanos ou não. A metáfora da rua e do sapato sujo traduz uma importante vivência já para o tempo de formação do futuro jornalista, capaz, quanto acionada, de aliar as obrigações estudantis no âmbito de uma disciplina – no caso, de Edição de Texto – à aprendizagem que emerge da experiência direta da reportagem. Razão e emoção se conjugam no processo, e o conceito tradicional de disciplina, hoje em questão, abre caminho para o dinamismo e a vivacidade da prática laboratorial no contexto de um modelo de jornalismo que, centrado no humano e nas virtualidades da narrativa, desconhece crise.

Palavras-chave

Perfil jornalístico; livro-reportagem; cobertura de conflitos; entrevista em profundidade; jornalismo literário.

O herói deixa a vida comum

Em 6 de fevereiro de 2013, Kelvin Santos sai da entrevista a um jornalista com a sensação de dever cumprido. Está feliz. Liga, emocionado, para os pais. “A partir daquele momento, aumentou em mim a certeza de ter escolhido a profissão certa.” Em primeira pessoa, com adjetivos e mais de um ponto de exclamação, sem a consciência de estar em alguma medida zombando dos velhos manuais de Jornalismo, decide

¹Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação e professora das Faculdades Integradas Rio Branco. Email: recarraro69@gmail.com

exatamente desse modo abrir “A vida perigosa e vibrante em livros-reportagem”, o texto que produziu para o livro *Não é aventura, é reportagem: jornalistas e cobertura de conflitos* (SANTOS em CARRARO, 2013, p.69).

Não é que abre apenas o seu texto desse modo. Também fecha, no mesmo tom, o perfil do jornalista e escritor Klester Cavalcanti, que, entre muitas outras coisas, traz ricas informações sobre os livros que seu personagem lançou, os prêmios recebidos, as ameaças de morte, o sequestro, a prisão na Síria em guerra... A vida pulsa nas mais de dez páginas de um perfil em letras maiúsculas. “Tirei um peso das minhas costas”, é Kelvin de novo quem descreve o dia em que ligou pela primeira vez para Klester. O aprendiz de feiticeiro reflete sobre o seu ser de jornalista:

Eu poderia ter feito esse trabalho com outros tantos jornalistas, mas o primeiro que me veio à cabeça foi ele. Tinha que ser ele. Sou teimoso. Se ele me dissesse não, eu teria insistido até dar certo. Eu não desistiria. Aliás, escolhi fazer Jornalismo. Sim, eu sou chato. Continuará no pé dele até ele aceitar. Após a resposta afirmativa, me senti feliz. Comuniquei o fato à minha professora e orientadora, Renata Carraro. E mais uma vez pensei comigo: “Ufa, deu certo!” (SANTOS em CARRARO 2013, p. 85).

O autor mescla, livremente, a história de vida de seu personagem, que a reportagem desvela, com os seus sentimentos e a sua própria trajetória de vida, que o trabalho jornalístico vivo e dinâmico também contribui para revelar. O *making off* não vem depois, mas dentro, junto. Desse modo se realiza, tanto na história que se apura, escreve e edita, quanto no próprio fazer jornalístico, aquilo que Cremilda Medina chama de o poder da narrativa: pôr ordem no caos, produzir sentidos, significar as coisas e o mundo (MEDINA, 2003, p. 47).

A metáfora tradicional de se gastar sola de sapato, ou a noção de que reportagem boa é feita na rua; de que é preciso tirar o traseiro do sofá, suar a roupa, sentir cheiros e sabores, ver os gestos, olhar nos olhos e se deixar tocar, de fato, por tudo isso – porque, a verdade seja dita, não basta sair, ir para a rua, nem às vezes vale a pena gastar sola de sapato, uma vez que é possível sair sem nunca abandonar o lugar onde se está, as ideias, as conclusões tiradas *a priori* –, essa metáfora, como se dizia, se mostra com profusão de detalhes, em cenas às vezes até hilárias, nas histórias que compõem o livro. Uma metáfora, esta, ainda mais relevante nestes nossos tempos de infinitas redes e de possibilidades inimagináveis, trazidas pelo mundo digital, com análoga frequente escassez, quando não desprezo pelas pessoas de carne e osso, as histórias vivas, os

heróis e heroínas, anti-heróis e anti-heroínas dos fazeres cotidianos, o tempo do Jornalismo.

Talvez esta possa ser vista como uma das principais lições do laboratório de apuração, texto e edição de *Não é aventura, é reportagem: quarto-anistas de Jornalismo* fazem da sala de aula, com a mediação do professor, não uma espécie de templo de grossas paredes onde se cultivava um pretense saber teórico, erudito, mas uma porta, ou várias portas, generosamente abertas para a rua, o mundo. A jornada do herói, como expressam os estudiosos (MARTINEZ, 2008; CAMPBELL, 1993; VOGLER, 2006), tem como ponto de partida a decisão de sair do mundo comum para iniciar uma aventura. A imagem combina muito bem com o que aqui está se expressando.

O deslocamento do herói jornalista em direção ao “desconhecido” e as pedras que encontra, quase com certeza, no caminho são ilustradas, de forma bem simples, mas de um modo não menos importante para o jornalista principiante, no texto do livro que conta a história do repórter fotográfico Juca Varella, “Tempestade de bombas em Bagdá”. A autora, Lidinalva M. de Oliveira, numa terça-feira, às 9h da manhã, está na casa de seu entrevistado. Mas antes...

Acorda cedo, quase de madrugada, o coração na mão. Tinha todas as informações sobre como chegar à Granja Viana, município de Cotia, uma hora e pouco de viagem. Isso, se não fosse o engarrafamento não previsto para aquele horário, seguido pela dolorosa perda da entrada que dá para a rodovia Raposo Tavares, na Marginal Tietê. Segue em frente, alvoroçada no meio de tanto carro, consegue retornar, se perde de novo. Para e pede informação ao frentista de um posto de gasolina:

– Vai em frente, atravesse a ponte, vire à direita...

Ai, meu Deus!

Paro mais duas vezes em busca de informações, até chegar, finalmente, à Raposo Tavares. Devo ter escolhido um caminho mais difícil. O tempo vai passando, e eu começo a me preocupar com o horário. Agora, sinto medo de chegar atrasada. Respiro fundo e volto a ficar tranquila, até chegar à Avenida São Camilo. Mas me perco de novo, ao tentar seguir o mapa feito à mão por um colega de classe da faculdade.

Chego finalmente ao condomínio Palmeira II, onde mora meu entrevistado. [...] Aperto a campainha uma vez, e surge uma moça morena, de baixa estatura e cabelo preso em forma de coque, usando roupas claras. É a Fátima, funcionária. Juca Varella aparece na porta para me receber também, com um sorriso simpático no rosto.

Cumprimentamo-nos.

– E aí, foi muito difícil chegar?

– Um pouco – respondo (OLIVEIRA em CARRARO, 2013, p. 90-91).

A sala de aula como laboratório

O desafio, lançado pela professora, valia para todos os alunos, no início de mais um semestre letivo: trabalhar com histórias de vida. Ponto de partida indispensável foi dedicar um tempo para uma consulta à bibliografia especializada sobre esse gênero jornalístico. Edvaldo Pereira Lima (2009) e Sérgio Vilas-Boas (2002, 2003), entre outros, serviram de auxílio.

Aluno de quarto ano está preocupado, quase sem exceção, com TCC, quer terminar logo a Faculdade e precisa garantir de alguma forma o seu ganha-pão. O trabalho de sedução leva às vezes mais tempo do que o desejável. Há os empolgados desde o primeiro minuto, há os que chegam com marcha reduzida, e não faltam também aqueles que puxam o freio de mão, quando não engatam a ré. Há os que, definitivamente, não estão em condições, nem físicas nem mentais, de responder afirmativamente ao desafio. Tudo isso faz parte do caldeirão de desafios e de negociações da prática laboratorial, que não pode em momento algum perder o foco da disciplina em questão, com sua ementa, seu programa, suas formas de avaliação. Numa analogia com a jornada mítica do herói, haverá os que sequer estarão dispostos a romper com o estágio da vida comum; outros serão derrotados pelo caminho por um monstro qualquer; outros, ainda, talvez cheguem ao destino, mas serão incapazes de voltar com o elixir da vida em mãos.

Voltemos ao projeto. Para não se fixar muito no geral em relação aos nomes dos protagonistas – porque o geral, o abstrato e universal são sempre perigosos, quando o desafio é o de trazer para a cena o humano, gente, corpo, memória, história –, a conversa levou à opção por um recorte específico: o da cobertura de conflitos. O projeto ganhou, então, em densidade, segundo o velho ensinamento da metodologia de trabalho científico de que o foco bem ajustado no particular promove uma melhor compreensão do todo. O jogo da sedução ganha também. A partir desse momento, os alunos puderam escolher os nomes de seus perfilados, vez ou outra sem nem bem saber explicar por quê. O imponderável tem um papel nessa história. O princípio da incerteza (Heisenberg), também. Eis, como exemplo, o que aconteceu com Mariana G. Baroni, uma das alunas autoras, de acordo com o seu próprio relato:

A vida de estudante de jornalismo, como a gente imagina, sem grandes perspectivas de trabalhar na área, parece pouco movimentada. Algo de novo aconteceu quando recebi uma proposta, que no início me assustou bastante. Consistia em escrever o perfil de um jornalista

para participar de um projeto da Faculdade, cujos melhores trabalhos seriam publicados em um livro. A lista tinha vários nomes, um dos quais me chamou especialmente a atenção, de graça, sem qualquer motivo aparente: Víctor Moriyama. Para falar a verdade, nunca tinha ouvido falar dele. Simpatizei, sei lá por quê. Talvez por ser o nome de um afilhado meu. Depois a professora falou um pouco mais sobre ele. Contou que ele havia feito uma cobertura no Haiti, no Morro do Alemão... Pronto, achei o nome do meu perfilado! Era dele que eu queria falar (BARONI em CARRARO 2013, p. 131).

Jornalista indolente costuma ir para uma entrevista, ainda que do porte que a escritura de um perfil exige, sem o necessário cuidado, ou, no pior dos casos, sem saber nada sobre seu “interlocutor”. E é assim que o jogo de pingue-pongue (perguntas e respostas), frio e distante, se sobrepõe ao jogo da vida, complexo em todos os seus aspectos, mais que uma caixinha de segredos. O projeto com os alunos se propôs seriamente a evitar esse erro. O livro de Cremilda Medina, *Entrevista, o diálogo possível* (1990) deixou claros os contextos e as condições para se evitar a entrevista “burocrática” e ousar o que a autora chama “entrevista em profundidade”, dialógica, humana.

Nessa etapa do projeto foi pedido que eles levantassem informações e dados preliminares sobre a história dos possíveis personagens. Quando voltaram com a tarefa feita, uns dias depois, aí, sim, foram convocados a justificar, a legitimar as escolhas feitas. Agora, no geral, cada aluno se transformou num defensor, às vezes muito aguerrido, do personagem que escolheu. As histórias emergem. As sinapses racional-emocionais se realizam.

Vencida essa etapa, foi preciso criar o tempo todo condições para que os estudantes estabelecessem vínculos afetivos com as pessoas cujas histórias estavam por contar. A relação com uma fonte jamais pode ser exclusivamente de tipo lógico. Razão e emoção merecem e necessitam estar juntas nessa tarefa: a pessoa inteira, portanto, e não apenas parte dela. A cabeça e o coração. O aprofundamento do conhecimento do personagem, por diferentes vias (leitura de textos publicados, livros, vídeos, biografias, blogs, twitter etc., sem excluir a possibilidade de contatos diretos), contribuiu enormemente para a ampliação do desejo de “sair para a rua”. Porque a história não pode ser roubada. Tem que ser oferecida. De graça. E, importante, a “rua” já estava dentro deles, e eles, “na rua”.

Dito de forma bastante sucinta, foi assim que o projeto acabou aos poucos sendo montado junto com a turma do 4º ano de Jornalismo das Faculdades Rio Branco,

em São Paulo, capital. O objetivo principal era fazer com que os estudantes aprendessem, na prática, a construir textos jornalísticos de qualidade e autorais, para posteriormente editá-los, com a ideia final de publicá-los em formato de livro-reportagem.

O recorte da cobertura de conflitos

Nem é preciso insistir em como é importante que futuros profissionais jornalistas exercitem-se, já no tempo de sua formação na Faculdade, nas diferentes virtualidades da escrita, escapando, o quanto possível, da cultura do *lead* e da pirâmide invertida, com toda a carga de sentidos, o mais das vezes inibidores, que essa cultura carrega consigo. Trazer à tona os significados possíveis do que se convencionou chamar de Jornalismo Literário fez com que os alunos-autores revivessem aquela paixão pelo Jornalismo que toma conta deles nos primeiros meses do curso e que, depois, costuma arrefecer, quando não desaparecer por completo. O desânimo grassa, em Faculdades de Antijornalismo. Felipe Pena convoca para a heresia nesse campo, com o intuito de que o Jornalismo, assumido autoralmente, consiga realizar aquilo a que se propõe, que é comunicar:

Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. É possível abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações. Uma exclamação, por exemplo, pode vir após uma interrogação para expressar uma pergunta incisiva. Por que não?! (PENA, 2006, p. 54).

Quando se tornaram conscientes da possibilidade de fazer valer a criatividade ao elaborar esses perfis, construindo cenas, reproduzindo diálogos e entrando no mundo vivido dos personagens, os alunos, os que estavam já decididos a deixar o mundo comum, foram se dispondo internamente a enfrentar as barreiras, os monstros da trajetória do herói; a morrer e a ressuscitar, contando sempre que possível com o auxílio virtuoso de mentores, de deuses e de deusas, para, no fim chegar com o elixir em mãos: o perfil e, mais, se possível, a publicação em livro (Cf. MARTINEZ, 2008; VOGLER, 2006). Eles perceberam que era possível envolver o leitor, não propriamente por meio da ordem lógica, fria e asséptica da escrita em tom menor, ou de certos condicionamentos, mas, sim, pela maneira como processavam racional e emocionalmente a história, pelas palavras escolhidas, as figuras de linguagem, as cenas,

a sensibilidade, sem abdicar do compromisso com a verdade dos acontecimentos, com a não-ficção. A proposta era aliar três elementos que fazem parte da natureza do Jornalismo, como insiste Medina (2003): técnica, ética e estética.

É bom, também, não perder de vista que, além da exploração das virtualidades do gênero perfil, no bojo do tema mais amplo da narrativa jornalística, o projeto, como parte de uma escolha consciente, destacou experiências de repórteres que cobrem conflitos no Brasil e no mundo, os riscos que enfrentam, os sacrifícios, as dores, as lições que ensinam. Isso contribuiu enormemente, como sublinhado linhas antes, para fazer da proposta algo muito mais concreto, vivido, sedutor até, principalmente para jovens.

Os primeiros parágrafos do perfil de Lourival Sant’Anna, repórter especial de *O Estado de S. Paulo*, produzido por Gabriel Landi, servem como argumento para essa linha de raciocínio:

Há quatro anos, em meio às caixas trazidas por Lourival Sant’Anna dos lugares por onde viajou, repletas de lembranças das coberturas de conflitos realizadas por ele ao redor do mundo, Tomás, o filho mais novo, encontrou um capacete. A peça foi trazida como lembrança da Guerra contra o Iraque.

– Você vai para as guerras, né? Isso é para te proteger, para você não levar tiro? – perguntou o menino, na época com 6 anos.

– Não, filho. Esse capacete era de um soldado iraquiano – respondeu Lourival ao filho curioso com aquele objeto estranho e ainda meio sujo de

poeira.

– Mas você usa capacete?

– Não, filho, o papai não usa capacete.

– Mas, e se eles atirarem em você?

Admirado com a pergunta inusitada, o jornalista esperou um pouco antes de responder, pensando sobre a melhor forma de explicar para o filho a natureza de sua profissão.

– Eles não atiram em mim, filho. Eles sabem que estou lá para contar histórias. Sou um contador de histórias (LANDI em CARRARO, 2013, p. 37).

O correspondente internacional da *Folha de S. Paulo* em Londres, Igor Gielow, conta Janaina G. Gorski, em “Até onde o repórter aguenta”, chega a Beirute para a cobertura da guerra entre Líbano e Israel. É sábado, um dia aparentemente mais tranquilo, e o repórter brasileiro resolve fazer umas fotos das ruínas da “Paris do Oriente Médio”, quando o inesperado acontece:

Enquanto caminhava, observando a paisagem, mal se deu conta do barulho das motocicletas que estavam prestes a rodeá-lo.

Apenas ouviu os gritos:

– Israelense! Israelense!

Um grupo de jovens o cercara, acreditando que ele era um inimigo. A pele e os olhos claros não o ajudavam muito em relação a sua verdadeira nacionalidade.

– Eu gelei, já que tenho biótipo de qualquer coisa que não é muito bem vista lá: americano, europeu, russo, pode escolher...

Igor mostrou aos adolescentes seu passaporte verde, brasileiro, com todo o cuidado para não fazer nenhum movimento em falso, mas os garotos não acreditaram. Tinham as mãos cheias de pedras, prontos para atacar o suposto inimigo.

– Sou brasileiro! Futebol! Romário!

Assim que mencionou o famoso jogador da Seleção Brasileira, os garotos se acalmaram um pouco, porém, ainda sem desistir da ideia de atacá-lo. Foi quando um soldado sírio que fazia a ronda próximo dali percebeu a confusão e retirou o jornalista do meio do bando, livrando-o de um provável apedrejamento (GORSKI em CARRARO, 2013, p. 154).

O mundo encantado da narrativa

Centrado na pessoa e em sua história, ou em parte dela (uma vez que não pretende atingir o patamar, mais ambicioso, da biografia), o gênero perfil é de natureza predominantemente narrativa. Conta-se uma história com as histórias que se ouvem e se apuram, as cenas, as ações, as descrições possíveis. O que Edvaldo Pereira Lima escreve sobre o livro-reportagem-perfil serviu aos alunos como uma das referências teóricas:

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão (LIMA, 2009, p. 51).

As aulas teóricas sobre perfil, no contexto mais amplo do jornalismo literário, foram acompanhadas pela leitura, por parte dos alunos, da obra *A sangue frio*, de Truman Capote, e pelo trabalho com o filme “Capote”, lançado em 2005. Textos da premiada jornalista brasileira Eliane Brum, com destaque para o livro *A vida que ninguém vê* – que traz pequenos perfis de anti-heróis do cotidiano urbano de Porto Alegre –, foram eleitos como suportes. Tom Wolfe, Gay Talese e John Hersey, autores de renome do movimento conhecido como *New Journalism*, de meados do século

passado, compareceram em diversos e interessantes momentos das aulas. O tema da jornada do herói, de importância ímpar para a produção dos perfis, foi apresentado aos alunos por meio do estudo da obra de Joseph Campbell, em primeiríssimo lugar, *O herói de mil faces*.

Ao situar o projeto no campo, hoje universalmente reconhecido, da narrativa como lugar de conhecimento – fugindo ao erro imperdoável de confundir ciência com conhecimento –, *Não é aventura, é reportagem: jornalistas e cobertura de conflitos* posiciona os seus jovens autores num terreno fértil de discussão sobre as possibilidades – que não são novas – de trabalho com a linguagem para além do campo estrito, e restrito, da razão e da lógica, do método, da visão objetiva/objetivizante. Não se trata de jogar na lata de lixo o que esforços humanos de séculos, a duras penas, construíram, mas de perceber, complexamente, seus limites e, no limite, seus impasses. No Jornalismo como na arte, cada um a seu modo, essa liberdade de produção de sentidos, seguindo a ancestral necessidade humana de contar histórias, acabou por gerar o que a História guardou como seus maiores tesouros. Um exemplo eloquente: *Hiroshima*, de John Hersey (2002), uma das obras estudadas pelos participantes do projeto.

“Uma das respostas humanas diante do caos”, a narrativa, em suas mais distintas formulações – como aqui, no caso específico do perfil jornalístico, ou da história de vida –, contribui para que o ser humano se afirme “perante a desorganização e as inviabilidades da vida”, constituindo, portanto, “mais do que talento de alguns”, “uma realidade vital” (MEDINA, 2003, p. 47-48). “Impraticável, a ideia triste de um mundo sem narrativa mais seria sinônimo de não-existência, não-vida, não-humanidade”, escreve Künsch, que continua: “Não pode existir, a bem da verdade, a vida que não se conta. O mundo não pode existir. O amor e o ódio, a flor, a lua e as estrelas, a criança, o saci-pererê, qualquer coisa que de coisa vira história, símbolo, linguagem” (KÜNSCH, 2003, p.7).

O autor cita Mungioli, que, especulando sobre o crescimento do interesse pela narrativa nas mais diversas áreas do saber humano, insiste, nessa mesma linha, que, como “habilidade inerente ao ser humano”, a narrativa, segundo estudiosos, “configura-se como o próprio fator de humanização da nossa espécie”. “Desde as rudimentares pinturas nas cavernas até os nossos dias”, escreve Mungioli, “o ser humano tem encontrado no gênero narrativo não só uma forma de demonstrar e interpretar suas

relações com o mundo e com as pessoas que o cercam, como também de ser compreendido e interpretado” (apud KÜNSCH, 2004, p. 71).

Daí por que o interesse pela narrativa, como descreve Mungioli, ultrapassou há tempo o tradicional campo dos estudos literários, para atrair, “a cada dia, mais e mais pesquisadores ligados à área da cognição humana”, que “procuram, no estudo da narrativa, elementos que os levem a entender e a desvendar os mecanismos intrínsecos ao pensamento humano”. Segundo a autora, “isso tem feito com que especialistas de diversas áreas (Psicologia, Neurologia, Literatura, Lingüística, Semiótica, Comunicação) se dediquem ao estudo sistemático de narrativas tanto escritas quanto orais, produzidas por crianças, jovens ou adultos” (MUNGIOLI, 2002, p. 55-56).

O historiador inglês Peter Burke, igualmente citado por Künsch, revela que ele mesmo, no início de sua carreira, mais de cinco décadas atrás, estava preocupado em analisar as “estruturas profundas”, tanto do passado quanto do presente. Fazia questão de se distanciar da “superficialidade” da narrativa, que ele imaginava, na época, como coisa de “romancistas e jornalistas”.

Burke não pensa mais assim. Ele e muitos outros historiadores de sua geração passaram a ver com olhos diferentes a narrativa e a respeitá-la. E não se sentem sozinhos, agindo assim. “Entre outros grupos, os sociólogos, os antropólogos, os filósofos, os teóricos políticos, os advogados e os médicos caminham todos na mesma direção” (BURKE apud KÜNSCH, 2004, p. 76).

Aprender a arte da narrativa

Ainda que nada possa justificar de fato uma posição de tipo apocalíptico na consideração da relação do ser humano com a tecnologia – um tema fértil e antigo no campo da Filosofia –, é possível, no entanto, e quiçá urgente, indagar até onde a “rua”, com toda a complexidade de sentidos que a metáfora evoca, estaria sendo perigosamente substituída pelas virtualidades do admirável mundo novo digital. Formas novas de servidão à técnica são relatadas quase que a todo dia pela imprensa e pela literatura médica.

No diálogo sempre desejável entre o velho e o novo, é aconselhável repensar o lugar da narrativa, em qualquer formato, plataforma, linguagem, sobretudo, como se dizia antes, nestes nossos tempos de crise real ou aparente, de real ou suposta perda de

foco no humano. Um ótimo começo, quando o tema envolve a formação de jornalistas, pode ser na própria sala de aula. E, aí, voltamos à metáfora da rua.

“A vida ensina. A rua ensina”, escreve Dimas A. Künsch, no Prefácio à obra. Ele continua:

Não sou daqueles que desprezam a sala de aula, inclusive porque passo grande parte do meu tempo dentro dela. Não desprezo livros, o estudo sério, a pesquisa. De jeito nenhum. Acho que quem faz isso está errado. Mas volto a insistir que bom jornalismo se faz gastando sola de sapato – em todos os sentidos que “gastar sola de sapato” pode assumir. E, aí, é preciso destacar o valor inestimável da experiência.

A experiência ensina, e o valor da experiência salta particularmente aos olhos quando nossos aprendizes de feiticeiro – os autores dos textos deste livro – vão à rua encontrar seus personagens para escrever o perfil deles. *Não é aventura, é reportagem* está cheio desses momentos, saborosos, de incertezas e de aprendizagem (KÜNSCH em CARRARO, 2013, p. 21).

O prefaciador lembra a experiência de Lucas Almeida, que entrevista o jornalista Augusto Paim no Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, entre um voo e outro. Da conversa nasce o texto “Sobre jornalismo e quadrinhos”. Eis a experiência como lugar de conhecimento:

Faltando aproximadamente trinta minutos para o horário de saída de seu voo para Porto Alegre, o assunto se encerra de forma abrupta. Sabe quando a coisa simplesmente some? Foi o que aconteceu. Tivemos uns vinte segundos daquele silêncio tão incômodo para o entrevistador. É a vez de o entrevistado tomar a dianteira:

– Você tem mais alguma pergunta pra fazer?

Ter, eu tinha. Mas eram as perguntas que eu tinha colocado logo no começo da pauta e que não tinha feito, com medo de ele me achar um completo imbecil.

Ainda preciso treinar minha cara-de-pau jornalística. Sorte que, pelo menos, na arte de improvisar perguntas eu até que me saio bem. Ou pelo menos penso me sair. Pensando bem, talvez ele tenha mesmo me achado um imbecil.

– Agora, você pretende dar foco na sua carreira de escritor?

Pausa para observar a reação dele. Temendo a resposta, completo:

– Você não pretende deixar o jornalismo, não é? Pelo menos não a parte dessas narrativas que você gosta de trabalhar tão bem... (ALMEIDA em CARRARO, 2013, p. 195).

A conversa flui, mas, de repente:

...boom!, some de novo. Augusto ainda tentou motivar alguma pergunta, mas não sai nada. Matutei durante uns vinte segundos, num verdadeiro brainstorm em busca de uma pergunta interessante, e nada me aparecia. Resolvi perguntar o que ele achava que eu precisava saber de bem importante, já que estou no começo de minha carreira de jornalista (ALMEIDA em CARRARO, 2013, p. 196).

As linhas finais do perfil de Augusto Paim nos remetem à conclusão tirada por Kelvin Santos, relatada no início deste texto, sobre o seu futuro como jornalista. Reforça-se a opção de Lucas pelo jornalismo:

Não pretendo resumir Augusto Paim em um número “X” de palavras, termos e histórias. A ideia que eu realmente gostaria de passar é sobre o modo como o jornalismo se manifesta em mentes criativas e dedicadas. Para, assim, poder mostrar às pessoas e poder motivá-las a fazer o jornalismo que Augusto está acostumado a fazer, não importa se na forma de quadrinhos ou numa reportagem tradicional. É um jornalismo que transpõe o simples conceito de notícia, ou de matéria. O jornalismo inspirado. O jornalismo que se traduz em história. Esse é o jornalismo de Augusto. E é, também, o jornalismo que eu quero fazer e mostrar (ALMEIDA em CARRARO, 2013, p. 197).

Considerações finais

Relatada de forma ligeira, como estamos fazendo aqui, a tentativa de se transformar o espaço em crise da sala de aula em laboratório de experiência e prática jornalística acaba por assumir uma natureza, digamos assim, de tipo-ideal weberiano: útil para a compreensão dos fatos, mas irreal, em síntese.

Haveria ainda uma enorme gama de aspectos e de problemas a considerar, relativos, por exemplo, aos perfis que não se realizaram ou aos textos irrecuperáveis, porque francamente ruins. Todo o caminho percorrido entre a redação do texto, a edição e a revisão não foi relatado nas linhas antecedentes. Também não foram levados em conta os modos como o professor-mediador resolveu o tema da avaliação, da atribuição de notas, e, por fim, os critérios precisos que motivaram a escolha de alguns dos perfis e da rejeição de outros, cerca de metade.

Sem desmerecer a importância desses e de outros temas correlatos, a exigir futuras abordagens, é possível, no entanto, ressaltar como o projeto contribuiu para a dinamização do espaço – novamente, um espaço em crise – da sala de aula e da tarefa árdua de dar conta de uma disciplina, com “engenho e arte” (Camões). Particularmente, pode-se ressaltar um conjunto bem transparente e distinto de marcas do elixir que o herói, um jornalista em formação, traz em sua volta para o “mundo comum”:

- a) Uma editora comercial, a In House, assumiu a publicação da obra, que, tendo sido lançada com êxito nas próprias Faculdades Integradas Rio Branco e em outros espaços, encontra-se à venda no site da editora. É difícil expressar o quanto de satisfação e alegria esse “elixir” trouxe para os jovens autores. Sem contar que a publicação de um livro ajuda a dar conta de uma antiga, e

cada vez mais forte exigência de se aliar ensino e pesquisa, culminando na produção. Nossas escolas sofrem, em geral, do mal crônico da falta de produção científica. O projeto como um todo traz essa marca de necessária cientificidade, em todos os seus momentos.

- b) Todo o esforço e a energia despendida pelos alunos parecem corresponder, de novo, à dimensão da alegria e do orgulho sentidos ao perceberem o resultado final de seu trabalho, deixando marcas profundas em suas vidas, indeléveis, algo que uma simples aula, por mais bem sucedida, jamais consegue alcançar. Um pouco desse sentimento foi expresso num texto apresentado ao Expocom Sudeste 2014, assinado por dois dos autores, Janaina Gorski e Gabriel Landi, junto com a Profa. Renata Carraro, parte do qual afirma:

A missão de encontrar um profissional que já tivesse realizado coberturas de conflitos e traçar o seu perfil despertou nos alunos uma grande responsabilidade. No momento em que conheceram seus perfilados e estes se dispuseram a lhes contar suas experiências de vida, os estudantes passaram a se preocupar em contar com verdade e sensibilidade a história destas pessoas, mostrando-os como seres humanos que são, não apenas jornalistas. Os estudantes se entregaram de corpo e alma a este trabalho. Foram sutilmente retirados do universo de trabalhos realizados para a aprovação em uma disciplina na faculdade, para serem colocados em uma realidade prática do jornalismo, contando histórias reais, de pessoas reais, com emoções e opiniões.

- c) Além do trabalho proposto ao Expocom Sudeste 2014 – que acabou por não ser aproveitado, por questões de natureza procedimental – e também deste texto, apresentado ao GP Teorias do Jornalismo, do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, a experiência gerou o texto “Jornalismo e história de vida: o protagonista é herói e o autor também é”, publicado no livro *III Comunicação em cena* (GOTTLIEB, 2013) e apresentado durante seminário realizado na Faculdade Cásper Líbero, no mês de novembro de 2013.

Por fim, o trabalho é árduo, e, nesse sentido, deixada a ousadia de lado, a “aula tradicional” pode ter lá as suas “vantagens”. Mas os aspectos positivos e gratificantes da experiência e o senso da responsabilidade profissional levam a admitir que novos livros-reportagem virão, para contar histórias que ressignificam o lugar do Jornalismo neste nosso tempo e nesta nossa História.

Referências bibliográficas

- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 3ª edição. São Paulo: Editora Pensamento, 1993.
- CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CAPOTE. Bennett Miller. Estados Unidos: Sony Pictures Classics, 2005. NTSC
- CARRARO, Renata (Org.). **Não é aventura, é reportagem: jornalistas e cobertura de conflitos**. Jundiaí, SP: In House, 2013.
- CARRARO, Renata. Jornalismo e história de vida: o protagonista é herói e o autor também é. In: GOTTLIEB, Liana. **III Comunicação em cena**. São Paulo: Scortecci, 2013, p. 85-101.
- GOTTLIEB, Liana. **III Comunicação em cena**. São Paulo: Scortecci, 2013.
- HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KUNSCH, Dimas A. **O Eixo da Incompreensão: a guerra contra o Iraque nas revistas semanais brasileiras de informação**. Tese de Doutorado. São Paulo, ECA/USP, 2004.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª edição. Barueri: Manole, 2009.
- MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói: estrutura narrativa mítica para a construção de histórias devida em jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2008.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo, Summus, 2003.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 2ª edição, São Paulo, Ática, 1990.
- MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Apontamentos para o estudo da narrativa. **Comunicação & Educação** 23, jan./abr. 2002, pp. 49-56.
- PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: 1ª Ed. Contexto, 2006.
- VILAS-BOAS, Sérgio. **Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo, Summus, 2002.
- VILAS-BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo, Summus, 2003.
- VOGLER, Chistopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- WOLFE, Tom. **El nuevo periodismo**. Barcelona, Editorial Anagrama, 1976.